

LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS

LITERATURE IN ELEMENTARY EDUCATION: PATHWAYS TO THE FORMATION OF LITERARY READERS

Alexandra Santos Pinheiro¹

Doutora em Letras
Universidade Federal da Grande Dourados
(alexandrapinheiro@ufgd.edu.br)

Janieli Salgueiro da Silva²

Licenciada em Letras
Universidade Federal da Grande Dourados
(janiely_ss@hotmail.com)

RESUMO: O estudo do qual resulta este trabalho esteve vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), e objetivou verificar, através de pesquisa de campo, o perfil de leitura dos atores que compõem o corpo escolar de uma instituição pública municipal de ensino fundamental situada no estado de Mato Grosso do Sul da região Centro Oeste brasileira, a saber, professores e alunos. Partindo do pressuposto de que todo o indivíduo é um leitor de seu mundo e que é através de múltiplas leituras que estes se atualizam, investigamos quais os tipos de textos literários que professores e alunos leem com maior frequência, e se a literatura está presente em seu convívio tanto escolar como doméstico. Tal investigação ocorreu com base em um questionário e a análise foi sustentada teoricamente por autores que se dedicam a tais temáticas: Brandão, Cosson, Candido, Kleiman, Maia, Pinheiro, Paiva.

Palavras-chave: Formação de leitores; Leitura; Literatura; Ensino Fundamental

ABSTRACT: The study that results this work was linked to the Institutional Program of Teaching Initiation Scholarship (PIBID), and aimed to determine, through a field research, the reading profile of the actors (teachers and students) who constitute the school body of a municipal public institution of elementary school located in the state of Mato Grosso do Sul, a Midwest brazilian region. Assuming that each person is a reader of his/her world and that is through these multiple readings that are updated, we investigated what types of literary texts that teachers and students read with greater frequency, and the literature which is presented on their domestic and schoolar convivial. This research was based on a questionnaire and analysis was supported theoretically by authors who engage in such thematics : Brandão, Cosson, Candido, Kleiman, Maia, Pinheiro, Paiva.

Keywords: Training of readers; Reading; Literature; Elementary Education

¹ Professora adjunta da UFGD. Professora da graduação e do Programa de Pós Graduação em Letras.

² Licenciada em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados-UFGD. Integrante do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

Introdução

A leitura³ é importante tanto para professores quanto para alunos e, de um modo geral, para toda a sociedade, pois contribui para uma visão crítica do mundo. É a partir da leitura que vivemos e que nos comunicamos. A todo o momento estamos, de maneira consciente ou não, lendo e respondendo a tudo. Partimos do pressuposto nessa pesquisa de que não se lê apenas o texto, mas imagens, sons, gestos, conforme defende Paulo Freire: a leitura do mundo antecede a leitura da palavra (FREIRE, 1988).

O resultado aqui apresentado é fruto de nossa inserção através do PIBID⁴ nas escolas. A proposta que desenvolvemos no PIBID propõe aos acadêmicos um trabalho na escola com base na leitura, na escrita e na reescrita de textos a partir de gêneros textuais. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal da cidade de Dourados-MS e contemplou os 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. A realidade da biblioteca dessa escola não é diferente da grande maioria das escolas públicas brasileiras: falta espaço para a constituição do acervo da biblioteca para alunos e professores⁵. Por outro lado, encontramos professores que, apesar das dificuldades, procuram trabalhar pela formação de leitores.

A escola e a família, sem dúvida, têm uma grande influência sobre a formação de leitores. Assim, o contato dos alunos com diferentes textos (escritos e orais), principalmente, o texto literário, foco da presente investigação, dependerá do incentivo da escola e da família. Visto que, para Cosson (2006), a literatura cumpre o papel de humanização do indivíduo, o intuito desse trabalho é investigar se a literatura está presente na vida de alunos do Ensino Fundamental, seja na escola ou em casa, incentivados pelos professores ou pelos pais. De acordo com Maia (2007, p. 60), “quanto mais cedo a criança conviver com a literatura, mais garantias se tem em relação ao seu futuro como leitor”.

³ Nossa concepção de leitura não se limita ao texto escrito. Ensinar a ler implica em contribuir para que o cidadão descortine palavras, imagens, sons e, inclusive, o não dito.

⁴ O PIBID, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência, é um programa que possibilita ao acadêmico ter um contato com a sala de aula antes mesmo da conclusão do curso. Eu estou no PIBID desde de setembro de 2011.

⁵ No final da pesquisa, a escola foi contemplada com a aprovação de uma verba destinada para construir novas salas de aula.

A literatura é um bem cultural e, a partir dela, um indivíduo pode estar em contato com épocas já passadas, com o tempo presente e até mesmo com o futuro. Segundo Oliveira, “a literatura produz conhecimento, não porque esteja na escola, mas por dar conta de épocas, geografias e estilos de vida que não vivemos, mas que têm estreitas relações com o que somos hoje” (OLIVEIRA, 2010, p. 42). Esse aprendizado destacado por Oliveira é, a nosso ver, muito importante para a criança, pois possibilita, por meio da arte ficcional, o entendimento do mundo e de si mesmo.

Antonio Candido (1995) aborda o “direito” que todo o sujeito tem em relação à literatura. Na leitura literária ocorre, de acordo com o autor, o mesmo que se passa na esfera social. A classe mais desfavorecida é, muitas vezes pela própria escola, privada de leituras consideradas da elite, como os clássicos da literatura, o que, para Candido, são “bens incompressíveis, isto é, que não podem ser negados a ninguém” (p. 173).

Se todos têm direito à literatura, qual seria o espaço da literatura na sala de aula hoje? Será que ela é vista como um bem incompressível ou não? A pesquisa que realizamos possibilitou identificar que muitos alunos no Ensino Fundamental não sabem o que é um texto ou uma obra literária. No contexto escolar, a disciplina de literatura só é inserida na grade curricular do aluno no Ensino Médio, mas isso não significa que os alunos não têm contato com a obra literária antes. Muito pelo contrário, o trabalho com o Programa de Bolsa de Incentivo à Docência - PIBID - demonstra que há mais projetos de leitura literária no Fundamental do que no Médio.

Em termos metodológicos, a pesquisa foi baseada em um questionário entregue a alunos e professores, que tinha como objetivo investigar se a leitura faz parte do cotidiano dos discentes dentro e fora da escola. Quando questionados, os estudantes apresentaram resistência para responder. Alguns alunos perguntaram se valeria ponto, enquanto outros gostaram, justificando que assim teriam menos aula de Língua Portuguesa: “tem outro questionário? Quando quiser pode vir trazer outro, tá?!”. Apesar de comentários como estes, eles responderem de forma superficial. O questionário trazia perguntas que solicitavam respostas justificadas, mas a maioria só respondeu sim ou não.

Cento e nove alunos responderam ao questionário. Diante do número, selecionamos, para análise, os temas mais pertinentes, no sentido de responder à

indagação que motivou a pesquisa: qual o lugar do texto literário no cotidiano dos alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental. A seguir, nos detemos a dois pontos possíveis de explorar a partir dos resultados obtidos por essa investigação: a) Leitores em formação: o que leem os alunos do Ensino Fundamental; b) Quem forma os leitores? Entre a casa e a escola.

Leitores em formação: o que leem os alunos do Ensino Fundamental

Segundo Cosson (2006), devemos comparar o nosso corpo intelectual com o corpo físico. Assim como precisamos praticar exercícios físicos, precisamos exercitar o nosso corpo intelectual para que ele não atrofie com o tempo. A leitura tem que estar presente no nosso dia a dia, quanto mais praticamos a leitura, mais a nossa mente permanecerá saudável. Quanto mais um indivíduo lê, maior será seu corpo de leitura, ou seja, seu repertório. O autor ainda afirma que, no ato da leitura,

É preciso estar aberto à multiplicidade do mundo e à capacidade da palavra de dizê-lo para que atividade da leitura seja significativa. Abrir-se ao outro para compreendê-lo, ainda que isso não implique aceitá-lo, é o gesto essencial solidário exigido pela leitura de qualquer texto. O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo (COSSON, 2006, p. 27).

Não é o que acontece hoje nas escolas. A leitura na comunidade escolar se apresenta como uma prática contraditória entre os alunos. A partir da pesquisa realizada, é possível perceber que a maioria dos alunos lê, porém, não aquilo que os professores querem que eles leiam. O que eles mais gostam de ler geralmente são histórias de terror, gibis, *Best Sellers*, entre outras. Vale perguntar: se esses alunos leem, por que são considerados não-leitores pela comunidade escolar? Para responder essa questão, é necessário refletir em relação à prática de leitura desses alunos.

A maioria dos alunos, quando questionado “Você tem a prática da leitura? O que você lê?”, respondeu que não gosta de ler. Eles leem por “obrigação”, outros dizem ter dificuldades em relação ao texto, como se vê na resposta⁶: “As vezes não costumo ler muito, principalmente quando o texto é grande ou com palavras difíceis de ler” (Aluna A). Podemos encontrar várias falas semelhantes a essa, em que o

⁶ Não houve correção gramatical na transcrição das respostas dos alunos.

aluno se justifica como não leitor pela dificuldade que encontra nos textos. Essa dificuldade existe justamente porque muitos deles, mas não todos, não exercitam a leitura fora da escola, e, como já foi dito, se não exercitamos a leitura em nossas vidas, nunca conseguiremos avançar de um texto mais acessível, para um texto mais complexo⁷.

Percebe-se também, nas falas dos alunos, que eles buscam leituras que os agradam. Essas leituras não são associadas somente ao ambiente escolar, e isso é um ponto positivo. As leituras realizadas por esses alunos, na maioria das vezes, são diversificadas, como textos ficcionais, romances, Best Sellers, entre outros textos⁸: “Sim livros de ficção, romance, etc” (Aluna F);, “Quase nunca, mais eu as vezes eu leio livros, muitas cartas que minhas amigas faz, poesia, letra de música” (Aluno B); “Só de vez em quando, leio mangá livros baseados em fatos reais” (Aluna D).

Outro ponto a ser observado é em relação ao conceito de literatura, propriamente dito, como na fala: “Sim adoro ler livros românticos ou literatura ou peça teatral” (Aluna I). Percebe-se que essa aluna talvez não saiba o que seja romance e/ou literatura. Leituras que consideramos simples, sem complexidade, que não exige muito do aluno, como livros em quadrinhos, também estão presentes nos momentos de leitura desses alunos: “Sim eu leio muito livrinhos de quadrinhos” (Aluna H). O que não pode ser desconsiderado é que esse tipo de leitura ajuda o aluno a compor um repertório que facilite leituras mais complexas. Por outro lado, na visão de Cosson, “crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras mais complexas” (2006, p. 35). Assim, é necessário um mediador que possibilite a esse aluno um maior aprofundar de suas leituras. Na escola, o professor é o principal mediador entre o leitor e o livro.

Não podemos desconsiderar a presença de obras/livros Kitsch⁹. Os alunos procuram leituras que estão presentes na mídia, textos/literatura de mercado, livros mais vendidos, como exemplo, a coleção da saga crepúsculo: “Sim, livro de romance de adolescentes e de vampiros como crepúsculo e diário de um vampiro”

⁷ Mais adiante, discutiremos a respeito da compreensão dos alunos em relação ao texto.

⁸ Pretendemos, futuramente, ampliar essa pesquisa e investigar a história de leitura desses alunos.

⁹ Moutinho define o conceito de *Kitsch* como “um produto de massa, do processo produtivo e frutivo industrializado e da perda de intencionalidade da arte”. Segundo a autora “mesmo as obras-primas podem ser transformadas em Kitsch com reprodução técnica (MOUTINHO *apud* ECO, 2001, p. 2).

(Aluna J). Outros encontram no ato de ler um refúgio para si, como na fala do aluno E: “Estou começando a ler, o que me interessa é ler sobre poderes, comédia ou relação a deuses, para eu viajar meus pensamentos e esquecer um pouco os problemas da vida real. Ou até romance” (Aluno E). A leitura está presente no cotidiano desses alunos, para alguns, a leitura é mais presente, para outros, nem tanto.

Uma vez constatada que a leitura faz parte do cotidiano dos discentes pesquisados, interessou saber quanto tempo eles se dedicam à leitura: Com que frequência você lê?

Nota-se nas falas seguintes que os alunos buscam a leitura quando não se tem nada a fazer: “Sempre que tenho tempo, inclusive ontem comecei ler um livro para ler nas férias” (Aluna N); “A cada 6 meses 5 meses depende muito do tempo que eu tive disponível” (Aluna D). Outro ponto a ser destacado é a leitura por obrigação: “A eu leio na escola, as vezes um dia sim dois dias não. Quando to em casa sem fazer nada costumo ler” (Aluna A). Observa-se que a aluna não vê as leituras exigidas pelo professor como um incentivo para a sua formação, e sim como “obrigação” para estudar para provas e fazer trabalhos.

Na resposta seguinte, é possível notar a relação entre as noções de “posse” e “domínio público”, na medida em que este aluno tanto tem o hábito de comprar livros quanto o de frequentar bibliotecas: “Quando compro ou quando pego na biblioteca municipal” (Aluno O). Está visível também o compromisso mais ou menos firmado com a leitura, é o exemplo da fala dessa aluna: “Uma vez por semana durante uma hora” (Aluna M), que tem estabelecido o tempo que ela disponibiliza para ler.

Na resposta de outra aluna é possível verificar uma falta de clareza em relação aos conceitos de livros e histórias: “Sempre, quase todo dia estou lendo livros ou histórias em geral” (Aluna F). Com o avanço da tecnologia, e o fácil acesso à internet, pode-se dizer que a leitura digital está presente na vida da maioria desses alunos: “Quase todos os dias, as vezes eu tô na internet e sempre leio alguma coisa como textos e outras coisas” (Aluna G). Esses estudantes, de um modo geral, estão, a todo o momento, conectados com a leitura digital,

Somos independentes para lermos aquilo que nos chame a atenção, é o que nos mostra a fala dessa aluna: “Sempre que vejo algo com letrinhas” (Aluna B).

Em Cosson (2006, p. 38), encontramos o seguinte esclarecimento, “[...] a leitura não está restrita às letras impressas em uma página de papel. Os astrólogos leem as estrelas para prever o futuro dos homens. O músico lê as partituras para executar a sonata [...]”.

Percebe-se que os alunos do Ensino Fundamental da escola pesquisada dedicam parte do seu tempo para o ato da leitura, são poucos, mas temos esperança de que serão possíveis leitores. No entanto, é necessário conduzir os alunos para leituras mais complexas. Os alunos, quando mediados por alguém, terão a capacidade de interagir com o texto e, assim, formar a sua própria opinião, tendo uma visão crítica do que se lê. De acordo com Maia, “formar o leitor crítico é uma atribuição do professor, e, nessa tarefa, a literatura realiza uma função formadora que não se confunde com missão pedagógica” (2007, p.49). A literatura contribui positivamente para a formação da criança, pois, além de trazer valores que se encontram submergidos em contos infantis, é um importante instrumento para a formação do conhecimento e da personalidade da criança. A literatura, segundo Candido, “tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade” (CANDIDO, 1995, p.176).

Por acreditarmos nas afirmações de Maia e Candido, julgamos importante saber quais obras literárias lembradas por aqueles que aceitaram responder ao questionário. Para isso, inserimos a pergunta: “Você já leu alguma obra literária? Quantas? Você recorda?”.

A partir desse questionamento, pode-se perceber que há uma diversificação em relação às leituras feitas por esses alunos. Há também um contraponto em relação aos clássicos, aos livros disponibilizados na escola que não são clássicos e aos disponibilizados pela mídia, os considerados da moda. Na fala desses alunos: “Sim, não me lembro. Já li Machado de Assis, *Dom Casmurro*” (Aluna W), “Já uns dois livros, **O tosco** e **Dom Quixote**” (Aluno S). Há a presença de livros considerados clássicos e de livros que não são clássicos, mas presentes no contexto escolar.

Em outras falas, aparecem textos considerados da moda, como mangás: “Já todos os meus 43 mangás e um livro ladrão de ninhos” (Aluno P). *Best Sellers*: “Quantas Semeador de ideias e o Vendedor de Sonhos” (Aluno T). Os *Best Sellers*

são livros mais presentes no cotidiano desses discentes do que outros tipos de textos. Esses livros que estão “na moda”, na maioria das vezes, são livros comercializados, influenciados pela mídia como podemos ver em outras falas: “Sim, uma, é uma história romântica e ao mesmo tempo ficção, conta a história de um vampiro que se apaixonou por uma humana” (Aluna U); “Sim, uma, Marley e eu uma história sobre o amor de um cachorro e seu dono, o amor incondicional”. (Aluna M). É válido mencionar que muitos professores não pedem leituras de livros considerados clássicos, porque outros tipos de textos encontrados em jornais e revistas são mais barato, e de fácil acesso para seu aluno adquirir, deixando assim a literatura literária de lado. É possível notar essa observação no relato: “uma professora do Ensino Fundamental relatou que antigamente usava os textos literários para ensinar a ler, mas agora usava apenas jornais, porque eram mais fáceis de serem adquiridos e lidos pelas crianças” (COSSON, 2006, p.19), o que julgamos não contribuir para o letramento literário¹⁰.

Além disso, o que se vê são leituras diversificadas, que estão presentes tanto no mercado quanto no contexto escolar, não necessariamente os clássicos da literatura: “Sim, A Cabana, O tosco e pluft o fantasminha” (Aluna V); “Sim, eu li quatro que foram Xisto no espaço, A vida secreta de Jonas, Sharlock holmes, e Tosco” (Aluno Q); “Sim, Crepúsculo, Amanhecer, Os miseráveis, e a Última Música” (Aluna C); “Sim, algumas. A moreninha, A Cabana, Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Entre outros” (Aluna F); “Sim, A feiurinha, a Bisa Bia Bisa Bel, Chove ele chove tu chove, adoro todos eles” (Aluna I). Sabe-se que livros como Pluft o Fantasminha, Tosco, A feiurinha, Bisa Bia Bisa Bel são livros que estão presentes no contexto escolar e, principalmente, na biblioteca da escola pesquisada, e muitas dessas leituras foram indicadas pelos professores. Os alunos gostam de livros de séries como Tex, Sharlock Holmes, como se vê na fala seguinte, quando o aluno relata um pouco do que acontece na história: “Sim, “tex” eu já li vários volumes inclusive a série ouro, contra manifesto que tex e seus filhos e amigos quase morrem em uma ocasião diferente” (Aluno O).

¹⁰ Para Cosson “o Letramento literário, conforme o concebemos, possui uma configuração especial. Pela própria condição de existência da escrita literária, (...), o processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola seja aquele que se encontra difuso na sociedade” (COSSON, 2006 , p. 304).

A partir das respostas selecionadas, vale ressaltar que a maioria dos livros oferecidos pelos professores não são escolhidos pelos alunos, é o próprio docente que faz a seleção. Como descrito por Cosson:

É a chamada livre escolha que, [...] nunca é inteiramente livre, mas conduzida por uma série de fatores que vão desde a forma como os livros são organizados nos catálogos, passando pelas estantes, até aos mecanismos de incentivo ao consumo comuns à maioria dos produtos culturais (2006, p. 31).

As outras leituras que estes estudantes realizam são frutos do seu interesse pela informação e pela busca do prazer. A prática da leitura fora do contexto escolar, nesse sentido, é de grande importância, pois faz com que o aluno se torne um leitor, não só no contexto escolar, mas também em casa.

Os textos presentes no cotidiano desses alunos são diversificados e deixa claro que eles, mesmo que alguns tenham citados livros solicitados por professores, leem textos/gêneros que os interessa. Para ilustrar a diversidade de leituras citadas, compomos um quadro que aponta quais dessas leituras estão presentes no contexto escolar, quais não estão, a fim de comparar o que se sobressai nessas leituras (Quadro 1):

Leituras presentes fora do contexto escolar	Quantidade de alunos	Leituras presentes no contexto escolar	Quantidade de alunos
Mangas	2	Machado de Assis	1
Supredo Diem	1	Tosco	16
A cabana	2	Pluft o fantasminha	1
Xisto no espaço	1	Os miseráveis (adapt.)	2
A vida secreta de Jonas	1	Dom Ruan	1
Sherlock Holmes	2	Dom Quixote	1
Cidade dos desgraçados	1	A moreninha	2
Crepúsculo	6	A feiurinha	1
Amanhecer	2	Bisa Bia Bisa Bel	7
Última música	1	Chove ele, chove tu	1
Semeador de ideias	1	Escrava Isaura	1
Vendedor de sonhos	1	Viuvinha	1
Marley e eu	1	Dom Casmurro	1

A menina que roubava livros	1	Iracema	1
Tex	1		
Capitão Rodrigo	1		
Drácula	1		
Diário de um Vampiro	2		
12 horas de terror	1		
Os 7 ossos “conto”	1		
A garota da capa vermelha	1		
Bíblia	2		
Capitu	1		
Revistas	13		
Gibis	10		
Jornal	8		

Quadro 1: Fonte: Pesquisa “O lugar da literatura no Ensino Fundamental”

O quadro aponta para a prática de leitura dos alunos do Ensino Fundamental no contexto escolar e as leituras que os mesmos buscam fora da sala de aula. É notável perceber que os estudantes se interessam por leituras que não são selecionadas pelos professores. As respostas deixam claro que a maioria das leituras realizadas na escola é vista como uma “obrigação”, ao passo que as leituras que se sobressaem não são as indicadas pelos professores, mas sim do próprio desejo do aluno. Grande parte desses livros é retirada da biblioteca, devido ao gigantesco acervo da escola.

Alguns dos textos mais citados por esses discentes são: gibis, romances, histórias em quadrinhos, jornais, revistas, livros de aventuras, **Best Sellers**, entre outras leituras, que apontam para um futuro promissor desses futuros leitores.

Embora não seja o foco da presente investigação, é válido pensar na importância do professor leitor na formação de alunos também leitores. Quando se fala em futuros leitores, precisa-se de um mediador e é a partir dessa mediação que esses alunos serão transformados por suas leituras. Então quem é (são) esse(s) mediador(es)? Segundo Cosson (2006, p. 32), “o professor é o intermediário entre o livro e aluno [...]”. Portanto, provavelmente os alunos só se tornarão cidadãos leitores se eles conviverem com professores leitores.

Quem forma os leitores? Entre a casa e a escola

Pode-se dizer que, no Brasil, o livro ainda custa caro à grande maioria da população que não dispõe do acesso a uma série de bens culturais. A promoção ao livro é um dos fatores que contribui de maneira significativa à formação do sujeito leitor. E a falta de acesso à literatura leva ao caminho oposto, já que o sujeito, em fase escolar, não foi incentivado a ler e, dessa forma, não tem consciência da importância da leitura para a sua formação enquanto sujeito.

Lembramos aqui que o professor tem um papel fundamental no processo de formação de leitores de textos literários, ele é o mediador. Não se pode ensinar algo que não se sabe. Assim, o professor, para formar um leitor, tem que gostar de ler e tem que estar em contato com diferentes literaturas, pois, na sala de aula, irá encontrar diversos tipos de leitores com gostos variados. O educador precisa ler para poder instigar aqueles que não têm a prática ou simplesmente não gostam de ler.

Mas essa incumbência não cabe só à escola e ao professor, a família também tem uma grande responsabilidade em relação à formação de leitores. Segundo Maia:

Embora haja uma ênfase na escola quanto ao papel de formadora de leitores, outra instituição é cobrada em dar sua contribuição: a família”, a autora ainda aponta, “que um leitor se forma até os doze anos de idade (dados da UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a ciência e a Cultura), sendo, pois, fundamental que a criança trave contato com o livro desde os primeiros anos de vida (MAIA, 2007 p. 51).

Os pais devem contribuir para a formação de seus filhos. Essa contribuição pode vir por meio de exemplos: o pai ou a mãe que lê são imitados pelos filhos. Também seriam significativos os momentos de leitura em família, como a contação de histórias. Se esse incentivo acontecer em casa, a criança pode mostrar mais interesse na escola e isso contribuirá para que se torne um futuro leitor. Dessa forma, fica claro que a escola e a família têm o poder de transformar esses alunos, com a ajuda da literatura que, aqui, segundo Cosson (2006, p. 20), “serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”.

Na coleta de dados para a pesquisa, pudemos perceber, como apresentado no tópico anterior, que os alunos têm a prática de leitura, e que o incentivo acontece por parte dos pais e professores. Quando questionados: “Seus pais incentivaram você a ler quando menor?”, muitos alunos responderam que sim, que desde crianças foram incentivados a ler, poucos alunos responderam o contrário. Algumas respostas mostram que os pais concordam que ler é necessário, como podemos ver em: “Sim, sempre me ensinaram que ler é tudo de bom e acima de tudo é cultura” (Aluna D), e também: “Sim, minha mãe sempre fala para mim ler, quanto mais a gente ler a gente fica mais espertos das coisas” (Aluna G). Mas será que esse incentivo foi mesmo efetivo? Será que o aluno tinha o exemplo em casa, via o pai e/ou a mãe lendo ou até mesmo o irmão mais velho? Nas próximas falas, nota-se que os pais, além de indicarem leituras para seus filhos, liam com eles: “Sim, sempre minha mãe me falava que ler é ótimo. Sempre quando eu chegava da escola minha mãe me ensinava a ler também” (Aluna A); outro exemplo: “Sim sempre leram para mim” (Aluna F). Existem vários tipos de incentivo, a atitude é uma delas, mas também o incentivo por meio da compra de livros: “Não lembro direito, mais lembro que eles compravam bastantes livrinhos” (Aluna B).

Outro relato importante coletado é que, a partir do incentivo dos pais, essa aluna adquiriu, com o tempo, uma independência em relação ao ato de ler: “Sim, mas eu sempre fui independente e comecei a ler sem incentivo. Desde pequena gosto de ler.” (Aluna M). Podemos notar, nas respostas selecionadas, que os alunos tiveram o incentivo dos pais. No entanto, vale questionar até que ponto esse estímulo partiu de pais não leitores? Incentivar da “boca para fora”, como o famoso provérbio “faça o que eu digo, não faça o que eu faço”, todos podem fazer, mas o incentivo que decidirá o futuro desse leitor não fica só na fala, mas, sim, no ato da leitura. Segundo Azevedo:

Infelizmente, não poucas crianças têm contato com adultos – pais, professores e outros – que recomendam a leitura, falam em livros e autores “clássicos”, mas, na verdade, não são leitores nem se interessam pela literatura. Apesar de bem-intencionadas, essas pessoas, [...] costumam descrever a literatura de forma bastante idealizada. Falam em algo “mágico”, num prazer “indescritível”, referem-se a “viagens” e coisas assim (2004, p. 38).

É importante ressaltar que o estímulo sem atitudes não é incentivo e isso fica bem claro na fala de um aluno: “Incentivaram, mais não adiantou nada” (Aluna C). Isso também implica para o professor, se o professor não é um leitor, o seu aluno possivelmente também não será. Como Lajolo afirma “os alunos não leem, nem nós-professores; os alunos escrevem mal e nós também” (*apud* LAJOLO, 2011, p. 300). Em outras palavras, se nós não gostamos do que fazemos, os nossos alunos também não gostarão.

O ato de ler é muito importante, os professores e os pais têm que ter consciência de que é necessário instigar esses indivíduos (alunos/filhos) para que eles possam ser independentes nessa prática. Como o foco da pesquisa é literatura, o professor tem o papel fundamental de levar os alunos a ter o contato com o texto literário. Ele poderá sugerir leituras, indicar obras que podem interessá-los, propiciar momentos de contação de histórias em sala de aula ou em um espaço reservado para o ato de ler (sala de leitura). Isso fará com que esse aluno fique à vontade para escolher seu livro e fazer suas leituras. É importante também que aluno saiba que a literatura não é só a busca do prazer, mas precisa-se de esforço e muita dedicação para a leitura de textos literários.

A leitura faz com que aluno adquira conhecimento sobre algum assunto que o interesse, para isso, ele precisa praticar o ato de ler, compreender o que está lendo. O professor, como mediador, precisa fazer com que o estudante pare de decodificar textos e comece a interagir com o que lê.

A partir do pressuposto de que ler não é só decodificar, os alunos foram questionados: “Você tem dificuldades de interpretar um texto? Por quê?”. Pelas respostas, podemos concluir que muitos não sabem ao certo o que é interpretar um texto, e associam interpretação com decodificação, como podemos ver em: “Não eu sou muito boa em Português e eu sei interpreta certinho” (Aluna B). Segundo Cosson (2006), “é a leitura entendida como um processo de decodificação, por isso a ênfase está centrada sobre o código expresso no texto” (p. 39). Para outra aluna, a compreensão de um texto é visto como uma mera passagem para a avaliação: “Não. Porque são as únicas que eu acerto nas provas” (Aluna C).

Nota-se, na fala a seguir, uma confusão nos conceitos de interpretar e decorar: “Não, porque se não entender algo, leio até entender, e também decoro muito rápido as coisas” (Aluna D). A leitura versus obrigação de ter que entender

algo para determinada finalidade, como fazer uma prova ou um trabalho, passando também por “decoreba”, é encontrada entre as respostas: “Não, porque mesmo não gostando de ler, presto muita atenção nos textos” (Aluna U).

Para Cosson, ler é muito mais do que decodificar, é interagir com o texto, é “dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido” (2006, p. 41). No ato de ler, precisamos criar um sentido para aquilo que estamos lendo. Para se ter uma boa compreensão de um texto, é necessário dialogar com ele, trazendo à tona informações que já possuímos. Alguns alunos sabem da necessidade da leitura para a compreensão de um texto, como em: “Não. Porque a leitura ajuda na interpretação e eu costumo ler muito” (Aluna M). A leitura para essa aluna é muito importante, percebe-se que ela já tem uma maturidade em relação as suas escolhas.

O professor pode ajudar nessa tarefa, mostrando para o aluno como interagir com o texto. Segundo Kleimam, “parte constitutiva do ensino da leitura consiste em conscientizar o aluno da intencionalidade do autor” (1997, p. 20). É importante que o professor oriente seus alunos nos momentos de leitura, tente elucidar os conhecimentos prévios do aluno e também o que é dado no texto.

Em resumo, todos os questionamentos levantados nesse tópico são de grande importância para a formação do leitor: o incentivo dos pais e professores e a questão da interpretação, que ainda é um conceito confuso para alguns desses discentes. Conclui-se, então, que a formação desses futuros leitores sempre estará pairando entre a família e a escola. Se não há incentivo dessas duas instituições, dificilmente veremos a formação de novos leitores, principalmente, leitores de textos literários.

Considerações finais

Após a realização da análise, é possível perceber que a maioria dos alunos não realiza a prática da leitura, tanto em casa quanto na escola. Pode-se perceber, também, que eles leem aquilo que para eles é interessante.

A função da literatura no Ensino Fundamental, segundo Cosson (2006, p. 20), seria a de “sustentar a formação do leitor”, mas para que haja essa sustentação, o professor/mediador precisa ser um leitor. Muitos professores justificam a não

prática da leitura devido à carga horária de trabalho e ao sistema que lhe é imposto, mas há que se dizer, por outro lado, que será um tanto mais difícil a existência de alunos leitores sem a figura de um professor leitor. Para esclarecer melhor esse ponto, Pinheiro nos traz uma reflexão muito importante em relação à formação de leitores, mencionando um exemplo de uma professora em contexto de Formação continuada. A professora relata que quando menor, uma professora tomou o livro dela, e não devolveu mais:

Um tio lhe presenteou com um gibi. Foi o primeiro livro que ganhou. Ela ficou muito emocionada. Levou o gibi para a escola, queria mostrar para os colegas. Durante a aula, passou a ler as histórias em quadrinhos, distraiu-se e foi surpreendida pela professora que lhe tomou o gibi, fez um sermão e nunca mais lhe devolveu (PINHEIRO, 2011, p. 309).

Felizmente, a atitude dessa professora, ao limitar a formação dessa aluna, não teve um fim trágico, pois tal comportamento poderia ter prejudicado o futuro dela como leitora, mas a aluna conseguiu romper os obstáculos, tornando-se, mais tarde, uma professora, que soube dar um outro valor à prática da leitura. Para que isso não ocorra na escola, é necessária a criação de projetos de leitura que conscientize os professores do seu papel em relação ao ato de ler e que incentivem os alunos a ler literatura literária. Nesse sentido, Lajolo (2005, p.13) reitera que “a organização de um projeto de leitura para a escola é fundamental”.

Os alunos da escola municipal pesquisada são leitores em formação, que vão atrás de leituras consideradas atrativas. A escola contribui para que seus alunos tenham o contato com o texto literário, mas ainda falta o mediador, alguém que possibilite a discussão e que os prepare para outras leituras mais complexas. Assim como Cosson, Maia e Lajolo defendem que o professor tem que atuar como mediador das leituras realizadas por esses alunos, eles também têm que orientá-los para leituras mais complexas, como mencionamos acima.

Referências

- AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. In: JUNQUEIRA, R. de S. (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. 1 ed. São Paulo: DCL, 2004.
- BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, SOUZA, E. C. de. A leitura de textos literários na sala de aula: é conversando que a gente se entende. In: (Org.) PAIVA, A.; MACIEL, F.;

COSSON, R. **Literatura: ensino fundamental**. Vol. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CANDIDO, A. O direito a literatura. (1988) In: CANDIDO, A. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. O espaço da literatura na sala de aula. In. (Org.) PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. **Literatura: ensino fundamental**. Vol. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

FREIRE, P. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

KLEIMAM, A. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 5ª edição, Campinas, SP: Pontes, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

LAJOLO, M. **Meus alunos não gostam de ler... O que eu faço?** Campinas: Unicamp/Cefiel/MEC, 2005.

LEAL, T. F.; ALBUQUERQUE, E. B. de. Literatura e formação de leitores na escola. In. (Org.) PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. **Literatura: ensino fundamental**. Vol. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MOUTINHO, A. V. Sincronizando o Kitsch. **Mealibra**.8ª ed. 2001, pp. 151-154 Disponível em: <<http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/747/1/kitsch.pdf>> Acesso em: 29 ago de 2013.

OLIVEIRA, A. A. O professor mediador das leituras literárias. In. (Org.) PAIVA, A.; MACIEL, F.; COSSON, R. **Literatura: ensino fundamental**. Vol. 20. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

PINHEIRO, A. S. Letramento literário: da escola para o social e do social para escola. In: (Orgs.) GONÇALVES, A. V.; PINHEIRO, A. S. **Nas trilhas do letramento: entre teoria, prática e formação docente**. Campinas, SP: Mercado das letras; Dourados, MS: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.

Recebido em 27 de fevereiro de 2014
Aprovado em 16 de maio de 2014